

## GT38: Entre arte e política: articulações contemporâneas em pesquisas antropológicas

Vi Grunvald, Glauco Ferreira

Em continuidade às reflexões desenvolvidas em Grupos de Trabalho da RBA e da RAM e em Simpósios Temáticos do Encontro Anual da ANPOCS, esta proposta tem como foco práticas e sujeitos sociais que operam nos interstícios entre arte e política. No cenário antropológico contemporâneo, são constantes as investigações que buscam analisar ações sociais que se processam através de imagens, sons, materialidades, objetos, performances e formas expressivas que, não raro, se coadunam em processos de organização coletiva e mobilizações sociais que apontam o rico potencial transformativo de agências que são, simultaneamente, artísticas e políticas. Por outro lado, pelo menos desde os anos 2000, tem se intensificado, em nossa disciplina, o que podemos caracterizar como "virada artística" e que aponta para uma aproximação entre arte e antropologia do ponto de vista de suas práticas e fazeres, enfatizando novos caminhos etnográficos possíveis para exprimir os resultados de nossas pesquisas, bem como atentando para outras possibilidades metodológicas de construção das mesmas. Nesse sentido, buscamos acolher tanto pesquisas que, ao se debruçarem sobre o campo artístico, enfatizam suas potencialidades políticas (e vice-versa) quanto aquelas nas quais o fazer etnográfico opera a partir de produções que mesclam antropologia e práticas artísticas.

### **Funk e Covid-19: notas antropológicas sobre contágio, fluxos e sobrevivências**

**Autoria:** Guilherme Vieira Bertollo

O presente trabalho objetiva apresentar os resultados iniciais de uma pesquisa sobre funk e pandemia, desenvolvida no âmbito das discussões do grupo Cultura e Covid, promovido pelo projeto Arte, Política e Experimentação Etnográfica, sob coordenação de Vi Grunvald (PPGAS/UFRGS). O funk brasileiro, também chamado de "funk carioca", é um gênero de música eletrônica dançante (PALOMBINI, 2009) que enfrenta ampla criminalização, assim como ocorreu com o samba, a capoeira, dentre outras práticas com origens nas tradições culturais da diáspora africana. A perspectiva de artistas periféricos com relação às ações do Estado são temas frequentes nas produções musicais do funk, constituindo-se como contra-narrativas sobre a violência urbana e reproduzindo muitos dos problemas enfrentados cotidianamente pelas pessoas pertencentes a grupos marginalizados. No contexto da pandemia global de covid-19, foi indicado pelas autoridades de saúde pública (tanto no âmbito nacional quanto internacional), a necessidade do distanciamento social como principal atitude a ser tomada para evitar o contágio em grande escala. Pela mídia hegemônica, e também através de redes sociais como Twitter e Instagram, foram noticiados bailes funk e outras festas que causaram aglomerações nos centros urbanos e nas periferias de cidades brasileiras. A ampla repercussão através de canais midiáticos favorece o fortalecimento de preconceitos a respeito do funk, ao mobilizar noções estereotipadas sobre a cultura das periferias no imaginário social da classe média branca. O uso (ou não) de máscara foi identificado como um demarcador social (SOUZA, 2021), sendo muitas vezes dispensado pelas pessoas que moram em favelas, como um ato de transgressão. Em contextos periféricos, a relação dos sujeitos com a vida e a morte é diferenciada. Também a maneira como a periferia significa o Estado e suas intervenções é diversa da percepção das elites urbanas. Contudo, mesmo nos setores mais privilegiados, que, via de regra, têm maior acesso à informação e às estatísticas epidemiológicas, como índices de mortalidade, grande parte não se importava em desrespeitar os protocolos de saúde pública. Com as festas populares (de rua) proibidas, emerge o fenômeno da privatização do lazer. Nas periferias, os bailes funk resistem como uma "cultura de sobrevivência" (FACINA, 2021). Enquanto

promove a repressão violenta às formas de resistência cultural e política de grupos periféricos, o Estado garante a manutenção de privilégios de classe. Nesta conjuntura, o movimento funk têm conseguido não apenas fazer a sua política de conscientização acerca da importância da vacinação da população brasileira, mas têm também nos ajudado a pensar a criação de políticas de cuidado diferencial para os grupos socialmente vulneráveis.

[Trabalho completo](#)

### 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

#### Realização:



#### Apoio:



#### Organização:

